



CRISTIANISMO EXTRA-PAULINO

Uma introdução ao conjunto de Hebreus e Cartas Católicas

(Extra Pauline Christianity: An introduction to the set Hebrews and Catholic Letters)

Professor Me. Mauro Negro

Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-SP

Prof. de Sagrada Escritura da PUC-SP

E-mail: mauronegro@uol.com.br

RESUMO

O grupo de escritos chamados *Cartas Católicas*, junto à chamada *Carta aos Hebreus* apresenta-se como um testemunho extra-paulino do Cristianismo primitivo. De fato, é o conjunto dos textos narrativos (Evangelhos e Atos) e do *Corpus Paulinum* (conjunto dos escritos atribuídos a Paulo) que são mais marcantes na compreensão do Evento Jesus Cristo e sua vivência e compreensão no primeiro século. Com frequência, se esquece que o Cristianismo é um fenômeno histórico e social plural. Uma pequena introdução a este tempo histórico e à sua temática é sempre oportuna para compreender as raízes da Igreja.

Palavras-chave: Cristianismo extra-paulino. Hebreus. Cartas Católicas.

ABSTRACT

The group of writings called Catholic Letters, next to the Letter to the Hebrews, is presented as an extra-Pauline witness of early Christianity. In fact, is the set of narratives (Gospels and Acts) and *Corpus Paulinum* (set of writings attributed to Paul) that are salient in understanding the event Jesus Christ and his experience and understanding in the first century. We often forget that Christianity is a historical phenomenon and social plural. A short introduction to this historical time and its theme is always appropriate to understand the roots of the Church.

Keywords: Extra Pauline Christianity. Hebrews. Catholic Letters.

INTRODUÇÃO

Uma parte significativa do Novo Testamento, que compõe com o *Corpus Paulinum* o quadro original do Cristianismo primitivo, é o conjunto que se identifica como *Cartas Católicas*. Incluímos aqui também a Carta aos Hebreus, muito embora ela não seja considerada do grupo.

O título *Carta aos Hebreus* é tradicional, consta dos manuscritos antigos e é assim conhecido o escrito que já foi atribuído, durante muito tempo, ao Apóstolo Paulo. Hoje não há mais esta atribuição. Sua posição no cânon do Novo Testamento é particular, pois não sendo paulina, também não entra na categoria das Cartas Católicas, embora seja, com muita frequência, analisada com elas.

A expressão, bastante comum, *Cartas Católicas* evidencia o destinatário para os textos que estão sobre esta denominação. *Católico* significa *universal*, amplo, para o mundo ou do mundo, sendo *mundo* o espaço geográfico ou humano (sem conotação negativa em contraponto a *espírito*). Alguns dizem *Cartas Universais*, para não usar o termo



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 80-90
Católica, pois dá a entender que os escritos são de posse ou de uso de uma Confissão Cristã, no caso a Igreja Católica de Rito Latino. Esta não parece ser a melhor solução e por isso aqui se usa a expressão consagrada de *Cartas Católicas*.

É comum que a Carta aos Hebreus seja analisada com o grupo das Cartas Católicas. Assim é que se faz no presente estudo.

A Carta aos Hebreus e as Cartas Católicas ocupam um espaço significativo do cânon do Novo Testamento¹. Ele é composto de 27 livros, podendo ser dividido da seguinte maneira:

Narrativa

Evangelho segundo Mateus
Evangelho segundo Marcos
Evangelho segundo Lucas
Evangelho segundo João
Atos dos Apóstolos

Cartas ou Epístolas

Corpus Paulinum (treze cartas)
Carta aos Romanos
Carta 1 aos Coríntios
Carta 2 aos Coríntios
Carta aos Gálatas
Carta aos Efésios
Carta aos Filipenses
Carta aos Colossenses
Carta 1 aos Tessalonicenses
Carta 2 aos Tessalonicenses
Carta a Filêmon
Carta 1 a Timóteo
Carta 2 a Timóteo
Carta a Tito
Carta aos Hebreus (uma carta)
Cartas Católicas (sete cartas)
Carta de Tiago
Carta 1 de Pedro
Carta 2 de Pedro
Carta 1 de João
Carta 2 de João
Carta 3 de João
Carta de Judas

Livro apocalíptico

Apocalipse



Dos livros que compõem o Novo Testamento, vinte e um são cartas ou epístolas. Destas, treze são de autoria paulina ou atribuída a Paulo. Os outros livros, oito, são partes importantes do cânon neotestamentário.

Não é o caso de comparar, muito menos de *medir* a importância entre o *Corpus Paulinum*, que é o conjunto das cartas paulinas, e Hebreus e Cartas Católicas. Cada grupo de escritos tem sua importância e aponta para situações específicas. Cabe aos leitores, de todos os tempos e ambientes, compreender sua mensagem e saber extrair dos escritos o que de melhor eles oferecem.

A despeito destas afirmações anteriores, é notável que as Cartas Católicas não sejam muito evidentes no dia-a-dia do uso da Bíblia. Os motivos são vários, tais como desconhecimento das mesmas cartas, proeminência da mensagem de Paulo sobre os outros escritos epistolares, atualidade ou praticidade das cartas paulinas, etc.

1. AS CARTAS CATÓLICAS E O NOVO TESTAMENTO

1.1. Jesus Cristo, centro do Novo Testamento

Jesus Cristo é o centro do Novo Testamento. O Novo Testamento é a expressão de fé em Jesus, em sua Pessoa e Missão. É o testemunho, que em grego se diz μαρτυς, dos primeiros seguidores de Jesus e de seus discípulos de segunda e terceira geração. O Concílio Ecumênico Vaticano II afirmou no importante documento sobre a Revelação Divina *Dei Verbum*: no Concílio Vaticano II.

O cânon do Novo Testamento contém igualmente além dos quatro Evangelhos, as Epístolas de S. Paulo e outros escritos apostólicos redigidos por inspiração do Espírito Santo, com os quais, segundo o plano da sabedoria divina, é confirmado o que diz respeito a Cristo Senhor, é explicada mais e mais a sua genuína doutrina, é pregada a virtude salvadora da obra divina de Cristo, são narrados os começos da Igreja e a sua admirável difusão, e é anunciada a sua consumação gloriosa (*Dei Verbum*, n. 20).

Os livros ou escritos do Novo Testamento podem ser divididos em três partes ou classes de textos. São as classes: textos narrativos, textos epistolares e apocalipse. Eles compõem um conjunto rico de imagens, relatos de fatos e apresentação de pessoas que se entrelaçam, completam, acrescentam e até demonstram diferenças interessantes no modo de ver, sentir e propor a Fé.

Quando falamos aqui destas *classes* de textos, sejam narrativos, epistolares ou apocalípticos, não queremos abordar aqui os gêneros literários, que são outros aspectos importantes dos textos. Esta questão da identificação dos gêneros literários e mesmo a nomenclatura ou identificação dos mesmos encontra certas dificuldades nos estudos bíblicos. Fazemos esta divisão por uma questão prática e enfocando o fundamental dos textos: a identificação de algo como sua *roupagem final*. Segundo esta divisão acima apresentada, os textos narrativos englobam os Evangelhos. Um evangelho é um gênero literário composto de muitos gêneros literários. Uma carta ou epístola pode ter um texto descritivo, uma narração ou um poema. Estes são gêneros literários. O desejo aqui é demonstrar a índole dos grupos de textos e sua articulação interna, com os textos semelhantes e o significado e importância externa, na força de seu anúncio.



1.2. Textos narrativos

Por textos narrativos, entendem-se aqueles que têm uma sequência de histórias e fatos para descrever e pessoas para apresentar. Há um enredo, uma trama, um desenvolvimento.

Contudo, um texto narrativo não é, fundamentalmente, um texto biográfico. Os Evangelhos não são, nem nunca foram, biografias de Jesus. Assim também, o livro dos Atos dos Apóstolos não é uma descrição jornalística, um diário da Igreja primitiva, um registro de fatos e pessoas.

Um texto narrativo dentro da complexidade de gêneros, que apresenta e do qual é formado, é basicamente uma declaração de intenções, uma apresentação teológica, uma história em que as evidências não são os personagens, mas sim as intervenções de Deus na história.

No Novo Testamento, os textos narrativos estão presentes nos quatro Evangelhos e no livro de Atos dos Apóstolos. Encontram-se nestes livros diversos gêneros literários: genealogia, anúncio, milagres, sinais, poesias, textos apocalípticos, teofanias, relatos da paixão, relatos de encontros com o Ressuscitado, etc. Todos estes tipos de escritos servem ao livro e formam um tecido narrativo de expressões múltiplas.

Este modo de apresentar os argumentos surgiu da necessidade de deixar claro o que aconteceu no passado e envolveu pessoas e circunstâncias que já estão longe no tempo. Pode-se dizer que os textos narrativos surgem da necessidade de aproximar as novas gerações dos eventos originais, dos personagens que formaram os primeiros passos da experiência que agora todos vivem. Em outras palavras, tais textos *nascem* quando os testemunhos originais estão morrendo!

É significativo observar que os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos foram escritos depois da maioria das cartas paulinas. Seguramente, foram escritos depois das cartas protopaulinas. Estas cartas paulinas e mesmo as deuteropaulinas não se preocupam com a grande maioria das argumentações presentes nos Evangelhos e até nos Atos dos Apóstolos. Os motivos ou intenções que levaram à redação do chamado *Corpus Paulinum* não são os motivos e intenções que levaram à escrita dos Evangelhos. As diferenças são ditadas pelas situações históricas concretas que envolviam seus autores, as comunidades originais que as recebiam e os que eventualmente as partilhavam. Podem-se encontrar diferenças inclusive nos próprios textos narrativos, quando comparados internamente.

Vejamos o Evangelho de redação provavelmente mais antiga: Marcos. Não se encontra em Marcos um relato de anunciação, uma descrição de fatos surpreendentes relativos a Jesus jovem ou criança. A entrada em cena de Jesus é praticamente abrupta: ele vem de Nazaré da Galiléia e é batizado por João Batista no Jordão (Mc 1,9). Não há uma contextualização de Jesus. Se existe algo como uma contextualização, é relativo a João Batista, o que vem de encontro ao projeto literário do Evangelho de Marcos – a declaração do profetismo de Jesus, herdado de João Batista, sinal da maturidade dos tempos messiânicos.



Já no Evangelho segundo Mateus, encontra-se algo diferente: a identidade judaica de Jesus é intensamente declarada. Ele está inserido na história de Israel, desde os mais longínquos tempos patriarcais (Mt 1,1-2) até um digno e justo descendente de Davi (1,16). Ele é anunciado a este homem Justo, José (1,18-25), nasce em Belém da Judéia, cumprindo as expectativas judaicas (2,1). Deve ir ao Egito, refazendo o caminho dos antigos patriarcas que para lá desceram (2,12-15) e depois deve retornar à Terra Prometida, como Moisés o fez com o povo que saía da escravidão (2,19-23), assumindo a humildade origem galilaica. Vários são os sinais de maturidade narrativa em Mateus quando comparado a Marcos. Também o foco de atenção, os ouvintes originais imaginados em Mateus são, conforme se conhece pelas tradições do texto, os judeus.

Em Lucas, por sua vez, encontra-se também uma visão e descrição das origens de Jesus, mas sob outro foco narrativo e com outros personagens. As referências à Maria e à humanidade de Jesus o inserem no ambiente amplo da Humanidade. Ele é quem dá sentido e rumo para o conjunto das culturas humanas, embora esteja dentro das expectativas judaicas, o que não passa sem perceber.

Comparando os textos narrativos de Mateus e Lucas com aquele de Marcos, nota-se um crescendo no tecido narrativo. As poucas indicações aqui apresentadas são apenas as mais evidentes para termo de distinção. O próprio desenvolvimento da narração é diferente: em Marcos os episódios são mais individuais, sucedem-se rapidamente, são rápidos na descrição e nas consequências. Em Mateus e Lucas nota-se uma valorização maior de pessoas e fatos e uma maior desenvoltura das narrações.

Se olharmos para João, nós veremos uma maturidade maior ainda. Nos últimos anos do I século, as dúvidas e erros a respeito da pessoa de Jesus já apareceram e deram trabalho para os discípulos dos discípulos de Jesus. É necessário declarar a identidade divina de Jesus com mais intensidade, com a profundidade que lhe é devida. Então se tem o magnífico prólogo de João, que não se limita às origens judaicas ou humanas de Jesus, mas o relaciona com o Verbo, a Palavra eterna do Pai, apresentando-o como o Eterno Filho.

Estas diferenças, aqui apenas esboçadas, vão deixando à mostra os tempos diversos dos escritos e os argumentos eram apresentados aos leitores originais. Era necessário contar as histórias que poderiam ser esquecidas, pois os testemunhos oculares estavam desaparecendo. Desta maneira é que surgiram os textos narrativos.

1.3. Textos epistolares

As cartas, por sua vez, não nascem da necessidade de expor a história. Quem a vivenciou está próximo, acompanha a comunidade e pode contar como foram os fatos e como eram as pessoas. As cartas devem orientar as comunidades e as pessoas singulares, em função de suas escolhas, de suas ações e do modo de se organizar. Tais cartas não são, na sua grande maioria, uma literatura pensada, bem elaborada. São esporádicas sem muitos esquemas pré-estabelecidos, com exceção daqueles próprios do gênero epistolar.



Mas não é por isso, por esta aparente simplicidade, que as cartas deixam de expressar as circunstâncias eclesiais e os pensamentos teológicos da época. De fato, as cartas mostram, através de seus argumentos, as tendências, as tensões, até mesmo as divergências que existiam nas comunidades primitivas e nos grupos que se reuniam em torno às idéias de Jesus e de seu seguimento.

Podemos identificar as cartas sob os seguintes aspectos:

- Comunicação de princípios ou experiências fundamentais de um personagem a uma pessoa ou comunidade que com ele tem alguma forma de relacionamento;
- Apresentação de argumentos doutrinários ou parenéticos de um autor para uma pessoa ou grupo de pessoas;
- Comunicação afetiva de um personagem ao seu grupo de origem ou um grupo que com ele mantém dependência ou deveria manter;
- Informações ou exposições, mais ou menos organizadas, de elementos teológicos ou de aspectos históricos de diversas índoles.

1.4. Cartas ou epístolas?

Há alguma dificuldade no uso das expressões *cartas* ou *epístolas*. Na Liturgia latina pré-conciliar havia o uso muito difundido do termo *epístola*. O uso hodierno agora está mais em *carta*. O que se pode perguntar é: estas obras são, efetivamente, *cartas* ou *epístolas*?

Vamos fazer a seguinte distinção que nos parece ser a mais adequada. Embora as palavras *carta* e *epístola*² possam ser equivalentes, elas denotam realidades diferentes. A *carta* é um escrito com índole informativa, indicativa de fatos e transmissora de impressões. Ela não consta de um plano literário elaborado, mas corresponde às necessidades do momento de quem escreve.

Já uma *epístola* é uma obra escrita sob um plano literário, com uma argumentação central, em vista de uma construção conceitual específica, de uma transmissão de experiência, de expectativas, de propostas. Sob esta delimitação podemos dizer que o texto chamado de *Romanos* é uma *epístola*, pois segue este esquema estilo. Já todos os outros escritos do Novo Testamento, com uma mesma índole, estão mais para *carta*. Exceção pode ser feita para Hebreus que pode ser também identificada como *epístola*, embora muitos autores a definam como *homilia*.

Tudo isto posto, ficamos com a seguinte prática: chamaremos estas obras de *cartas*, usando, quando necessário, o adjetivo *epistolar*. Faremos isto com muita liberdade, sabendo dos limites conceituais envolvidos, mas optando por caminho para uma relativa simplificação de um tema que não é dos mais importantes no conjunto.



2. SITUAÇÃO DA IGREJA DAS ORIGENS NA GÊNESE DAS CARTAS CATÓLICAS

2.1. O início do Cristianismo

As décadas que se seguiram ao Evento Cristo foram tempos notáveis de experiência cristã e são referencia constante e fecunda do ser e do viver do Cristianismo.³ Logo após a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus iniciaram-se, no círculo de discípulos, um movimento de testemunho e afirmação de sua nova identidade. Eles se identificavam com seu Mestre e Senhor; se emocionavam com o fato de tê-lo seguido e o conhecido. Alguns o tocaram, o ouviram, foram ouvidos por Ele. O grupo dos apóstolos era privilegiado, pois tinha vivido muito próximo com Ele, cotidianamente.

Sua ausência súbita deixou o desejo, em todos, de torná-lo conhecido entre outros que não o conheciam ainda. A partilha da experiência com o Mestre reunia as comunidades. Aos poucos os discípulos mais destacados, os que receberam o nome de apóstolos, eram o centro das comunidades que se formavam para fazer a memória do Senhor. O grupo dos discípulos era ainda minoria absoluta no Judaísmo, mas aos poucos ia se impondo e fazendo notar sua opção.

O livro de Atos dos Apóstolos tenta ser uma testemunha deste tempo e destes personagens. Os Apóstolos passam a ter seguidores, imitadores e os grupos por eles formados vão caminhando à luz de Jesus Cristo a partir da experiência de alguém que o conheceu e com Ele conviveu de alguma forma. Mas sempre há a referencia às Escrituras Judaicas. O grupo de discípulos que aos poucos se amplia é ainda um grupo fundamentalmente judaico, que vê em Jesus o cumprimento das profecias e o sentido da esperança de um novo Israel. Neste sentido é significativa a questão levantada por eles em At 1,6: *Estando, pois, reunidos, eles assim o interrogaram: 'Senhor, é agora o tempo em que irás restaurar a realeza em Israel'?* A ideia do grupo, que Atos testemunha por escrito, é de um Israel renovado, com uma realeza que, restabelecida sobre as tribos e em meio às nações, vivencia a plenitude das promessas feitas aos pais.

Atos dos Apóstolos, escrito depois dos Sinóticos e muito depois das cartas paulinas, é um testemunho teológico do tempo apostólico. Houve necessariamente uma elaboração histórica e teológica para os fatos, os ditos e os personagens. Situações complexas, seguramente frutos de diversos movimentos e interpretações dos ditos de Jesus, de sua mensagem transmitida pelos seguidores e ao lado das Escrituras judaicas, foram simplificadas e consignadas de modo a fazer com que tudo tivesse lógica e fosse compreendido facilmente por leitores que não viveram aqueles tempos.

Um pequeno sinal disto tudo se encontra no episódio de Estêvão, entre os capítulos 6-8 de Atos. Primeiramente, os Apóstolos, que não são claramente denominados, mas aparecem aqui como um corpo coeso, o grupo dos Doze (v. 2), convocam a multidão, e não a Igreja, para solucionar a questão do serviço e da organização, bem como do anúncio da Palavra. Eles não tinham mais tempo para este anúncio na medida em que tinham de organizar a *multidão* ou o serviço às mesas. Então foram escolhidos sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria para que esta função do



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 80-90
serviço às mesas fosse realizada (v. 3-5). Depois de escolhidos e nomeados (v. 5), os Apóstolos lhes impuseram as mãos (v. 6). E têm-se os diáconos que, decididamente, não são os que hoje a Igreja entende por Diáconos.⁴

Logo em seguida aparece de modo destacado a figura de Estevão, homem decidido em fazer o caminho de Jesus Cristo e dele dar testemunho. O v. 7 afirma: *Estêvão, cheio de graça e de poder, operava prodígios e grandes sinais entre o povo*. E isto é curioso, pois ele deveria *servir às mesas*, pois foi para isto que havia sido escolhido como Diácono. Mas, lá estava ele, disposto a anunciar o Evangelho de Jesus, e por conta de seu ímpeto e decisão foi logo preso na perseguição iniciada por judeus de diversas origens. Curiosamente, são oriundos de locais citados na manhã de Pentecostes e, agora, são oposição a Estêvão.

Sua defesa foi brilhante e decisiva, o que não o livrou da condenação. A sentença foi a morte como um fim; foi emocionante, com a presença, vista por ele, de Jesus em glória (Atos 7,56). E assim Estêvão dá o testemunho de Jesus Cristo. Mas, note-se o fato: Estêvão não é do grupo Apostólico! É um Diácono, discípulo dos Apóstolos, dependente de seu testemunho. Não foi um deles quem foi martirizado e deu o testemunho com a vida, foi um *menor* do que eles. Isto seguramente gerou uma espécie de crise interna. O texto de Atos dos Apóstolos simplifica tudo com uma sequência narrativa que une momentos e circunstâncias bem diversas. Em 7,60 conclui-se o martírio de Estêvão: *Depois, caindo de joelhos, gritou em voz alta: 'Senhor, não lhes leve em conta este pecado'. E dizendo isto, adormeceu*. Logo em seguida, tem-se a menção a Paulo, ainda chamado de Saulo: *Ora, Saulo estava de acordo com a sua execução* (8,1a). No mesmo versículo, a sequência narrativa já estabelece outro caminho: *Naquele dia, desencadeou-se uma grande perseguição contra a Igreja que estava em Jerusalém. Todos, com exceção dos apóstolos, dispersaram-se pelas regiões da Judéia e da Samaria* (v. 1). Parece que, para resgatar a situação, os Apóstolos agora ficam em Jerusalém, prontos para o testemunho que Estêvão já dera. Mas aquele que primeiro enfrentou a dificuldade do seguimento do Senhor foi um que não era dos Doze.

Isto deve refletir a situação da Igreja das origens, aquela de Jerusalém. As atitudes não estavam ainda coordenadas. Parece que a perseguição que se seguiu ao martírio de Estêvão pegou a todos de surpresa, deixando à mostra uma realidade inesperada: a hostilidade à mensagem do Evangelho. Seria de se esperar que Israel aceitasse Jesus Cristo como seu Senhor. Eles, os Apóstolos e os seguidores das primeiras horas, eram as testemunhas deste novo tempo. Contudo, isto não aconteceu: Jerusalém não aceitou a mensagem evangélica; as autoridades não souberam ver neles uma esperança de futuro.

2.2. Cristianismo nascente e judaísmo

A perspectiva para um futuro entre os judeus, especialmente em Jerusalém, deveria não ser muito estimulante. Parece que também a capacidade de compreender os passos futuros da Igreja não existia ainda, pois Pedro terá dificuldades em justificar-se perante os cristãos de origem judaica com relação à sua atitude em Jope, na casa de Cornélio. Este é o tema de Atos capítulo 10: Pedro é chamado para a visita a um pagão de nome Cornélio. Ele entra em sua casa, toma contato com ele e outros pagãos e por fim senta-se à mesa com eles. Quando Pedro volta para Jerusalém ele é questionado pelo grupo



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 80-90
dos apóstolos e irmãos (11,1) a respeito de sua conduta. Isto não deixa de causar estranheza, pois em At 1,8 lê-se: *Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra.* Quem fala é Jesus, quando da despedida de seus discípulos. Olhando os dois lugares de Atos, o que se pode imaginar é que ser testemunhas não implica, necessária ou diretamente, em fazer discípulos *até nos confins da terra.*

Depois deste episódio, em que Pedro precisa justificar-se, tem-se a notícia da fundação da Igreja em Antioquia (At 11,19ss.). Esta Igreja Síria será o centro irradiador do Cristianismo, base de Paulo e promotora do crescimento da Comunidade. A Igreja mãe, em Jerusalém, não parecia muito adaptada às mudanças necessárias para a difusão do Evangelho. Depois deste episódio de Antioquia, o personagem volta a ser Pedro: ele é preso e milagrosamente solto. Depois de sua libertação, ele desaparece da trama narrativa de Atos dos Apóstolos, apenas aparecendo no capítulo 15 quando da Assembléia de Jerusalém, onde deve novamente enfrentar a questão dos gentios e sua entrada na Igreja.

O que está em jogo não é simplesmente a entrada ou não dos gentios na Igreja. Curiosamente é algo que, no modo de ver moderno, pode ser até mesquinho: o ato de um judeu sentar-se à mesa com um pagão. Isto implicava em reconhecimento de igualdade, em comunhão. Como aceitar isto dentro de uma mentalidade em que o judeu é parte de uma raça eleita, escolhida para seguir o Santo que é o Deus de Israel. E ser *santo* na mentalidade bíblica é ser separado, isto é, distinto de outros, especialmente distinto ou diferente de outros deuses. Ele é o único e Israel, por isso, é também o povo único de Deus. Isto implica diferença de relacionamentos com a sociedade e com a natureza: modos de alimentar-se, de relacionar-se, de vestir-se, de fazer o culto. Tudo o que marca um judeu e deixa à mostra sua identidade de membro da Aliança.

Sentar-se à mesa com um pagão era, para um judeu, compor um quadro de convivência impensável para quem desejava seguir a Torah e seus mandamentos. Impensável também, pois implicava em entrar em comunhão com os opressores, romanos de língua grega e de outros lugares e influências.

A Igreja começava a encontrar dificuldades na compreensão de sua própria missão. Antes: de sua própria identidade. O povo da Nova Aliança, fundamentada em Jesus Cristo e na experiência de seu seguimento, não precisava estar sob os costumes da antiga Aliança. Esta tivera o seu valor e seguramente ainda tinha, mas Jesus Cristo superava tudo isto. Neste ponto, foi fundamental a intervenção de Paulo.

Mas esta não era a corrente única no Cristianismo nascente. Serão justamente as cartas católicas que darão a conhecer que existiam outros modos de pensar e vivenciar a fé em Jesus Cristo.

3. CORRENTES TEOLÓGICAS: HERANÇAS DIVERSAS

As Cartas Católicas e a Carta aos Hebreus são expressões de correntes teológicas diversas daquela expressa pelo *Corpus Paulinum*. Sobressaem os modos de pensar e



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 80-90
propor o Cristianismo como algo paralelo ao judaísmo ou mesmo como uma parte constitutiva do judaísmo. Talvez seja muito ingênuo, do ponto de vista exegético e da teologia bíblica, afirmar que estas cartas são as heranças dos Apóstolos Pedro, Tiago e João. Os inícios do Cristianismo foram complexos, como são complexos os movimentos humanos e culturais. A clareza da mensagem cristã ainda não atingira sua plenitude e a unidade com o Judaísmo era muito forte.

Jesus Cristo foi um judeu; os Apóstolos foram judeus; as primeiras comunidades eram de origem judaica; a argumentação fundamental a respeito de Jesus e seu Evangelho tinham como pano de fundo as promessas cultivadas no Judaísmo. É o Apóstolo Paulo quem dá passos decisivos para uma mudança substancial. Mas ele é apenas um pregador, seguramente o maior pregador de seu tempo. Mas atuava na Ásia Menor e na Grécia, depois em Roma. Seus escritos iam se difundindo e seu pensamento fazia adeptos além dos limites das comunidades judaicas.

O Judaísmo, contudo, continuou sendo tocado e questionado pelo anúncio do Evangelho. As respostas que surgiam vinham não de raciocínios ou considerações teológicas, muito menos filosóficas. Elas nasciam da experiência concreta das comunidades e dos indivíduos. Mesmo com as redes romanas de comunicação terrestre, havia os limites de espaço e tempo para a difusão das ideias. Em muitos lugares o Judaísmo não via com bons olhos esta nova corrente de pensamento, esta 'seita' chamada de Cristianismo.

Por outro lado, muitos grupos judaicos simpatizavam com o Evangelho e desejavam fazer uma síntese. Aliás, não devemos pensar que isto fosse um problema claro para os que o viviam. A questão não era, como dissemos, puramente conceitual. Era uma questão de prática: como ser judeu e seguir novas determinações, frutos do seguimento de um Judeu inspirado que foi sentenciado em Jerusalém pelo poder romano e que é seguido por muitos, de diversas orientações e tendências? Haverá conflito? Será possível ser cristão e seguir a Torah?

Vemos as respostas a estas e outras questões aparecendo nas Cartas Católicas e na Carta aos Hebreus. Não são respostas acadêmicas, mas práticas. Talvez na Carta aos Hebreus as soluções, feitas em forma de propostas, são as mais claras e com maior nível de elaboração teológica. No geral, são respostas e propostas nascidas da experiência concreta.

A leitura destas cartas vai nos formar novos quadros conceituais, novas impressões e até surpresas. É mais comum servir-se do *Corpus Paulinum* para o conhecimento da proposta cristã. A Carta aos Hebreus e as Cartas Católicas apresentarão argumentos interessantes e nos fará compreender ou, pelo menos intuir, a complexidade do Cristianismo original⁵, do qual somos hoje herdeiros.

CONCLUSÃO

O conjunto formado pela Carta aos Hebreus e Cartas Católicas é de notável importância para compor um quadro mínimo de compreensão o Novo Testamento e das origens do Cristianismo. O *Corpus Paulinum* é o local onde se encontra os mais antigos



Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 5, n. 7, jan/jun, 2011, p. 80-90
testemunhos (μαρτυρία) a respeito de Jesus Cristo e sua obra salvadora. Mas estas Cartas, aqui analisadas, deixam à mostra as outras tendências que existiam no Cristianismo original.

As possibilidades de compreensão do fenômeno cristão tendem a aumentar com a leitura e o estudo de Hebreus e das Cartas Católicas. É conveniente sua leitura sistemática, acompanhada de um indicador temático como aqui apresentamos.

O Cristianismo não pôde restringir-se nem à proposta de Paulo nem à proposta de outras correntes, mais abertas ou mais fechadas. O Cristianismo é a adesão a Jesus Cristo, morto e ressuscitado. As consequências éticas que daí deriva são parte da herança literária que encontramos nas cartas em questão.

BIBLIOGRAFIA

DUNN, James D. G. *Unidade e diversidade no Novo Testamento*. Um estudo das características dos primórdios do Cristianismo. José Roberto C. Cardoso (trad.). Santo André: Academia Cristã, 2009.

CROSSAN, John Dominic. *O nascimento do cristianismo: O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus*. Bárbara Theoto Lambert (trad.). São Paulo: Paulinas, 2004. (Coleção Repensar).

DUPONT-ROC, Roselyne. O texto do Novo Testamento. In: MARGUERAT, Daniel (org). *Novo Testamento. História, escritura e teologia*. Margarida Oliva (trad.). São Paulo: Loyola, 2009, p. 607–634.

NOTAS

¹ Apenas duas observações: 1 – Por uma questão de opção pessoal faço as citações bíblicas com o nome do livro por extenso, sem abreviações. 2 – Uso como base para as transcrições de citações bíblicas o texto da Bíblia de Jerusalém. Quando for diferente irei indicar a tradução.

² É comum encontrar outras definições para *epístola* e *carta*: Entre as definições para *epístola*: *composição poética em verso ou prosa de temática variada, composta em feitiço de carta*. Entre as definições para *carta*: *mensagem, manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou a uma organização, para comunicar-lhe algo*. Pode-se intuir que as expressões não são, como muitas vezes se sugere, equivalentes. Elas são complementares.

³ Consultar John Dominic CROSSAN. *O nascimento do cristianismo*. O que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus.

⁴ Nas Igrejas, sejam de ritos orientais sejam de ritos ocidentais, existe o Ministério do Diaconato. Na Igreja de Rito Latino ou Igreja Católica, o Ministério do Diaconato está relacionado à Liturgia, fundamentalmente. Nos tempos apostólicos este Ministério era em função da organização das comunidades, o serviço de formação e assistência. Assim não é adequado fazer um paralelo com os Diáconos do Novo Testamento e os Diáconos dos tempos modernos.

⁵ Um dos estudos mais interessantes sobre estes assuntos tratados nos dois últimos pontos: James D. G. DUNN. *Unidade e diversidade no Novo Testamento*. Um estudo das características dos primórdios do Cristianismo. Santo André: Academia Cristã, 2009.

Artigo recebido em 02/06/2011
Artigo aprovado em 24/06/2011